

## O ISLÃ E O DIREITO QUE NASCE E SE DESENVOLVE NA FÉ

**Sérgio Luiz Souza Araújo**

Professor Associado da Faculdade  
de Direito da Universidade  
Federal de Minas Gerais

**Resumo.** Num mundo atual estamos em conexão uns com os outros. E para que esta aproximação seja autêntica e verdadeira, é preciso voltar o olhar para o passado, conhecer o islã, o seu profeta, a lei sagrada, a ética e os valores superiores do Islã, para que, desprovidos de preconceitos e visões distorcidas, possamos trilhar numa direção promissora, sentindo-nos companheiros de jornada, de bom rosto e em cordial solidariedade.

**Palavras Chave.** Islã. Diálogo. Civilizações. Processo Penal.

**Abstract.** In our contemporary World we are in permanent connection with each other. In order that such approach could be really authentic and true, one needs to consider the Past, meet the Islam, its Prophet, the Holy Law, ethics and higher islamic values. So that, in order to be free from prejudice and distorted visions, we can follow a promising path, feeling ourselves as journey fellows, with good face and hearty solidarity.

**Keywords.** Islam. Dialogue. Civilizations. Criminal Procedural Law.

Não podemos desconsiderar a religião como algo irrelevante para os principais acontecimentos no mundo de hoje. Estamos em conexão uns com os outros. Como leciona Edgar Morin:

A consciência e o sentimento de pertencermos à Terra e de nossa identidade terrena são vitais atualmente. A pátria terrena comporta a salvaguarda das diversas pátrias. Somos verdadeiramente cidadãos quando nos sentimos solidários e responsáveis. Solidariedade e responsabilidade não podem advir de exortações piegas nem de discursos cívicos, mas de um profundo sentimento de filiação que nasce da consciência de pertencer à Terra-Pátria (MORIN, 2000, p. 74).

No entanto, no Brasil praticamente desconhecemos o Islã e os seus pilares. Estamos habituados a olhar com receio e desconfiança para os muçulmanos, geralmente identificados como terroristas. Todas as imagens que nos chegam, distorcem o verdadeiro sentido do Islã. No entanto, durante mais de oito séculos, do Sec. VII até o século XV, os muçulmanos estiveram presentes na península ibérica, Espanha e Portugal, vivenciando seus valores, sua fé, praticando seus ritos nas mesquitas, partilhando conosco alimentos e palavras, arte, música, arquitetura e filosofia, deixando na nossa personalidade e civilização a forte marca da cultura islâmica. Marcel Proust dizia: “Uma verdadeira viagem de descobrimento não é encontrar novas terras, mas ter um olhar novo.” (*Apud* MORIN, 2000, p. 107).

Quando os judeus falam de sua religião, eles a chamam de judaísmo ou de tradição judaica; quando os cristãos falam de sua confissão religiosa, frequentemente se referem a uma tradição judaico-cristã, pois o cristianismo é uma extensão

natural do judaísmo. Da mesma forma, os muçulmanos se referem à sua religião como parte da tradição abraâmica ou monoteísta, já que o islã compartilha a história, as crenças básicas e os valores do judaísmo e do cristianismo. Os muçulmanos consideram os judeus e os cristãos seus irmãos dentro da *ahl AL-kitab*, “o povo do livro”. Essa é a família dos monoteístas, daqueles que acreditam em um Deus supremo (Alá, a palavra árabe para Deus), o criador, o sustentador, o benevolente e piedoso juiz da humanidade. “O livro” é a revelação contida nas Escrituras; os muçulmanos creem que toda revelação vem de um só Deus, que revelou sua vontade para a humanidade repetidas vezes, em diferentes tempos e lugares, para diversos grupos. O Corão é a escritura islâmica, o livro que

encerra a revelação islâmica; reitera, confirma e completa as Escrituras judaica e cristã, referindo-se com frequência à Torá judaica e aos Evangelhos cristãos. O Corão convoca todas as pessoas a lembrarem e respeitarem as verdades contidas nesses livros mais antigos (SOON, 2011, p.23).

O Islã é uma força viva. Não se trata apenas de uma força no passado, mas a força que poderá engendrar o futuro. O ocidente não pode desconhecer, portanto, que o Islã gerou a Europa. Quando o império muçulmano se estabeleceu no século VII, a Europa era uma região atrasada. Trazemos conosco esta bela herança. Entre a origem cristã do Ocidente e o momento presente, existem mil anos de Islã. “A civilização árabe-islâmica, durante um milênio, fecundou o passado e preparou o futuro. Através da Espanha e da Sicília, transmitiu à Europa uma cultura sobre a qual ela assumiu a responsabilidade durante um milênio. Sua influência exerceu-se sobre o

Ocidente pelas traduções em latim das obras muçulmanas, organizadas em Toledo pelo arcebispo Raimundo (1126-1151) sob o estímulo de Afonso X, rei de Castela, esposo, diz-se, da filha do califa de Córdoba, e por Frederico II de Hohenstaufen, rei da Sicília, que fez traduzir por Michel Scotus tanto o Livro dos animais de Avicena quanto os comentários de Ibn-Rochd (Averróis) sobre Aristóteles, para fazê-los chegar às universidades do ocidente. Essas obras, vindas da Espanha e da Sicília, assinalam a modificação da visão do mundo no Ocidente: foi na Espanha de Afonso X, e na Sicília de Frederico II, ambos admiradores apaixonados da cultura muçulmana, que nasceu o Ocidente “moderno” do qual a civilização árabe-islâmica foi a parteira e a amade-leite.” (GARAUDY, 1988, p.97). É tempo, portanto, de abandonar os preconceitos, desfazer os mal-entendidos, superar as visões distorcidas, evitar reduzir o Islã “às escleroses, aos enrijecimentos e aos fechamentos que mascaram o espírito” (GARAUDY, 1988, p.163).

No Ocidente, nunca fomos capazes de lidar com o islã; nossas ideias sobre essa religião tem sido cruéis, desdenhosas e arrogantes, mas agora aprendemos que não podemos permanecer numa atitude de ignorância e preconceito (ARMSTRONG, 2002, p. 14).

E o velho ódio continua a crescer e os ataques ao islã são feitos sem qualquer pudor ou escrúpulo, embora as pessoas conheçam pouco sobre ele. A propósito convém trazer à lume os motivos que levaram a grande escritora Karen Armstrong a escrever uma biografia do profeta Maomé.

Por muito tempo perturbou-me o preconceito contra o islã, que frequentemente encontrava mesmo nos círculos mais liberais e tolerantes. Depois dos terríveis acontecimentos do século XX, pareceu-me simplesmente que não

podíamos nos dar ao luxo de cultivar uma visão distorcida e imprecisa de uma religião seguida por 1,2 bilhão de muçulmanos, um quinto da população mundial.” (ARMSTRONG, 2002, p.9)

A biografia do profeta foi escrita por ocasião do caso Salman Rushdie.

A intelligentsia ocidental parecia querer acreditar que todo o mundo muçulmano clamava pelo sangue de Rushdie. Alguns dos principais escritores, intelectuais e filósofos da Inglaterra descreveram o islã de uma forma que revelava surpreendente ignorância ou terrível indiferença para com a verdade. Para eles, o islã era uma religião intrinsecamente intolerante e fanática, que não merecia nenhum respeito; e a suscetibilidade dos muçulmanos, que se sentiam feridos

pela imagem de seu querido Profeta apresentada por Rushdie nos Versos Satânicos, não tinha importância. Escrevi o livro porque lamentava que o retrato de Maomé, apresentado por Rushdie, era o único que a maioria dos ocidentais teria possibilidade de ver. Embora eu pudesse entender o que Rushdie tentou fazer no seu romance, pareceu-me importante que a verdadeira história do profeta também se tornasse acessível, porque ele foi um dos homens mais notáveis que já existiram.” (ARMSTRONG, 2002, p.12)

São de inegável beleza os ensinamentos e as práticas do Profeta.

Sua trajetória mostrou que a primeira prioridade é extirpar a avareza, o ódio e o desprezo de nossos corações e modificar nossa

própria sociedade. Somente então será possível construir um mundo seguro e estável, onde as pessoas possam viver em harmonia, respeitando a diferença de cada um. (ARMSTRONG, 2002, p.13-14).

E para que os acontecimentos de 11 de setembro de 2001 façam recair a pecha de violência ao islã, confundindo a religião com alguns charlatães, convém esclarecer que Maomé não aprovaria tal horror.

Mas a própria ideia de que Maomé poderia ter encontrado algo para ser otimista em relação à matança de 11 de setembro é uma aberração, porque ele gastou parte de sua vida tentando impedir esse tipo de massacre indiscriminado. A própria palavra islam, que significa “submissão” existencial de todo o seu ser a Deus, exigida dos

muçulmanos, está relacionada a salam, “paz”. E, mais importante, Maomé de fato renunciou à violência e perseguiu uma ousada e inspirada política de não-violência, digna de Gandhi. Ao imaginar que a guerra santa era a culminação de sua carreira profética, os fundamentalistas distorceram por completo o significado de sua vida” (ARMSTRONG, 2002, p.13).

O islã é uma religião universal, e não há nada nele de agressivamente oriental ou antiocidental.

No ocidente estamos vivendo uma época de angustiante solidão. A ideia de modernidade substitui Deus no centro da sociedade pela ciência.

“A ideologia ocidental da modernidade, que podemos chamar de modernismo, substitui a ideia de Sujeito e a de Deus à qual ela se prendia, da mesma forma que as

meditações sobre a alma foram substituídas pela dissecação dos cadáveres ou o estudo das sinapses do cérebro. Nem a sociedade, nem a história, nem a vida individual, dizem os modernistas, estão submetidas à vontade de um ser supremo a qual devem aceitar ou sobre a qual se pode agir pela magia. O indivíduo só está submetido às leis naturais (TOURAINÉ, 1997, p. 20).

Quando o homem ocidental descobriu a razão, passou a desprezar os profetas e suas tábuas de salvação.

A razão é tão amada e tão cultuada que o homem ocidental quase se dissolve nela. Mas pede demais a ela, projeta demais nela, espera demais dela, e logo se ressentido e a repudia, incrimina-a por não dar respostas satisfatórias a todos os

seus anseios. Entretanto, a separação não dura muito, porque o ser humano ocidental se fez uno com a razão e necessita dela para se reconhecer a si mesmo, e sem ela se vê fragmentado e, para se recompor, acaba retornando a ela. E porque a razão o cativa, ele a detém cativa (ROUANET *Apud* GONÇALVES, 1993, p. 11).

O individualismo e o egoísmo tem sido a tônica nas sociedades ocidentais.

O homem, em nossas sociedades ocidentais depois do Renascimento, está entregue à solidão, ao isolamento em relação aos outros homens, por um individualismo que não parou de se exasperar, da idade dos “conquistadores” à decadência última das “multidões solitárias”, pela extensão das concorrências selvagens da economia de mercado,

o esmagamento dos mais desprovidos pelos menos escrupulosos, as técnicas de cobiça cuja expressão mais brutal acha-se na publicidade e no marketing, enxertando necessidades artificiais, como verdadeiras próteses do desejo egoísta. Esse sistema engendra necessariamente a violência, notadamente entre os jovens, frustrados de objetos que se lhes ensina a desejar e de eu os mais favorecidos, os herdeiros da riqueza ou do saber, se apropriam pela especulação ou fraude (GARAUDY, 1988, p.59).

É inegável

[...] a crise da razão , com a negação da racionalidade, alastrou-se pelo Ocidente, que mal percebeu que, se não deu respostas adequadas a seus problemas, o fato não poderia ser

tributado à razão, mas às finalidades que foram dadas a seu uso, eleitas pelos próprios homens (GONÇALVES, 1993, p.10).

Criou-se uma confusão mortal entre modernização e ocidentalização. “Não só a “modernidade” era o Ocidente, mas sob a pior de suas formas, o poderio e mesmo o poderio militar” (GARAUDY, 1988, p.170).

“Essa superstição arcaica e mortal do “cientificismo”, isto é, a crença segundo a qual a ciência positiva e as técnicas correspondentes podem resolver todos os nossos problemas e que nenhum problema humano existe fora dos que elas colocam e resolvem, é paradoxalmente chamada “modernidade” da qual o mais estúpido e mais suicida dos slogans é “não se para o progresso!” Tamerlão precisou de muitos dias para estrangular 70.000 pessoas

por ocasião da conquista de Ispahan e para empilhar seus crânios em pirâmide. Em Hiroshima, o mesmo resultado foi obtido em alguns segundos. É um progresso científico e técnico incontestável. Nosso mundo dispõe do equivalente a um milhão de bombas de Hiroshima (o que representa 5 toneladas de explosivos clássicos sobre a cabeça de cada habitante do planeta). É um outro progresso científico e técnico incontestável. E “não se para o progresso!”(...) Quando o Ocidente melhora suas técnicas de corte de florestas e aperfeiçoa a monocultura, o resultado é o desmatamento das encostas do Himalaia, as inundações de Bangladesh ou as fomes de Sael. Progressos científicos e técnicos incontestáveis que conduzem ao número recorde de 50 milhões de mortos de fome no Terceiro Mundo

em 1980. Esses números serão ultrapassados: 85 milhões em cinco anos. “Não se para o progresso!” (GARAUDY, 1988, p.79).

Quando então se tomará consciência de que o “modelo de crescimento” do Ocidente é uma anomalia, um fenômeno histórico patológico? A ciência é descomedida se não possui outro objetivo senão ela mesma e se a deixamos proliferar em detrimento de todos os outros valores. Esse “desenvolvimento” disforme, essa hipertrofia de um saber separado da vida, e essa atrofia de todas as outras dimensões do homem: o amor, a criação estética, a meditação sobre os fins da vida, a simples aspiração ao equilíbrio e à harmonia em nossas relações com a natureza e em nossas relações humanas, não deveriam ser considerados como o modelo em

função do qual se pretende padronizar o desenvolvimento das outras civilizações, de suas ciências e de suas técnicas. (GARAUDY, 1988, p.79).

O ocidente carrega essa sina. Ama a razão apaixonadamente, cultua-a como nenhum outro povo jamais o fez, HEGEL o mostrou, mas depois se lamenta por haver cedido à sua sedução e faz o seu *mea culpa*, repudiando-a. Tenta encontrar sua abolição no culto dos procedimentos irracionais (no sentido Weberiano). A razão não deu respostas adequadas aos problemas do mundo? Exclui-se, elimina-se a razão (GONÇALVES, 1993, p.10).

Aos adeptos supersticiosos dessa religião do crescimento e do

progresso, parece aberrante e “obscurantista” pergunta-se: será que a Europa, e depois o Ocidente, não tomaram o caminho errado desde a “Renascença” (isto é, desde o nascimento simultâneo do capitalismo e do colonialismo) quando se desenvolveu essa ideologia de justificação do capitalismo e do colonialismo, atribuindo às ciências e às técnicas o único objetivo de nos “tornar mestres e possuidores da natureza”, como escreve Descartes em seu Discurso do método, e não de assegurar a realização do homem, de todo homem e de cada homem (GARAUDY, 1988, p.78).

O Corão não pede aos muçulmanos que abdicuem da razão. Os sinais estão ali para as pessoas que têm discernimento, para as pessoas que sabem: os muçulmanos são

obrigados a procurar os sinais do mundo natural e a examiná-los cuidadosamente. Essa atitude também os ajudou a cultivar o hábito da curiosidade inteligente, que tornou possível o desenvolvimento de uma excelente tradição em ciências naturais e matemática. Nunca houve conflito entre o racionalismo científico e a religião na tradição islâmica, como o que ficou evidente no século XIX quando os cristãos sentiram que as descobertas de Lyell e Darwin irrevogavelmente minavam o valor de sua fé. Na verdade, alguns místicos das seitas radicais xiitas fizeram uso da ciência e da matemática como prelúdio à contemplação (ARMSTRONG, 2002, p.116).

É importante que nos aproximemos do Islã, superando os preconceitos seculares que nos

foram legados. Se os judeus receberam a Torah, os cristãos, os evangelhos, os árabes tinham a convicção que também eles receberiam um livro para organizar a fé, a espiritualidade e a própria comunidade. Como veremos o Corão é um estatuto espiritual, político e jurídico.

Desde tempos imemoriais existe um santuário em Meca, na atual Arábia Saudita. É um templo de pedra em forma de cubo. Foi construído no local que brotou uma fonte de água para saciar a sede de Ismael e sua mãe Agar. Eles encontravam-se no deserto, expulsos de casa por Abraão a pedido de sua esposa Sara. Desolada e desesperada, receosa de ver o filho morrendo de sede, Agar o deixa na areia do deserto e se afasta, com o coração sangrando, desolada por nada poder fazer e também querendo evitar a visão da morte do filho. Foi então que, para sua surpresa e estupefação, brotou a fonte d'água ao mesmo tempo em que se ouvia a voz do anjo dizendo que Ismael teria uma grande descendência.

Os habitantes de Meca tinham imenso orgulho da Caaba, o antigo

santuário em forma de cubo situado no centro da cidade, que muitos acreditavam ser de fato o templo de al-Llah, o Deus supremo dos árabes. Era o santuário mais importante da Arábia e, todos os anos, peregrinos de todas as partes da península vinham para a peregrinação do hajj. A tribo dos quraysh (coraixitas), tribo de Maomé, fora a responsável pelo sucesso comercial de Meca e sabia que grande parte de seu prestígio junto às demais devia-se ao fato de ter o privilégio de guardar o enorme cubo de granito e de assegurar que sua sacralidade fosse preservada (ARMSTRONG, 2002, p.55-56).

Os árabes acreditam que o Deus que adoravam era o mesmo Deus dos judeus e dos cristãos. Mas, diferentemente daqueles outros povos, chamados por eles de “povos do livro”, eles não tinham recebido nenhuma revelação ou

escritura própria. Mas o destino da humanidade começaria a mudar

[...] na décima sétima noite do ramadã, quando, na caverna da montanha, Maomé foi arrancado de seu sono e se sentiu tomado pela devastadora presença divina. Mais tarde ele explicaria essa experiência inefável dizendo que um anjo o envolvera num terrível abraço que o fez sentir como se o ar estivesse sendo expelido para fora do corpo. O anjo deu-lhe uma ordem seca: “iqra” – “Recita!”. Maomé, em vão, alegou que não sabia recitar; ele não era um Kahin, um dos profetas extáticos da Arábia. Mas, disse ele, o anjo simplesmente o abraçou de novo até que, quando pensou haver chegado ao limite da resistência, sentiu saírem-lhe boca afora as palavras divinamente inspiradas de uma nova Escritura. A palavra de

Deus falava pela primeira vez em solo árabe, e Deus havia finalmente se revelado aos árabes em sua própria língua. O livro sagrado se chamaria qu'ran: a Recitação.” (ARMSTRONG, 2002, p.56).

Foi no mês de Ramadã de 610 d.C.,

[...] quando Maomé se sentiu avassalado por uma aterrorizante presença divina e as palavras de uma escritura divinamente inspirada jorraram-lhe dos lábios. Profundamente comovido, ele voltou para casa e contou o acontecido à sua esposa, expressando seu temor de que pudesse ter sido algo diabólico ou por ação de espíritos malignos. Ela o consolou, dizendo que ele sempre fora um homem caridoso e generoso, sempre ajudando aos pobres, aos órfãos, às viúvas e aos

necessitados, e assegurou-lhe que Deus o protegeria contra todo o mal. Sobreveio então um lapso na revelação, que duraria mais de três anos.” (HAMIDULLAH, 1991, p. 19)

Nos 22 anos seguintes continuou recebendo novas revelações de Alá, que seus seguidores mais tarde reuniram na escritura arábica conhecida como o Alcorão, a Recitação (ARMSTRONG, 2011, p.270).

Até então os judeus possuíam a Torá, os cristãos os evangelhos, e finalmente Deus falara aos árabes em sua própria língua.

A palavra divina exortava os habitantes de Meca a uma entrega espiritual (islãm) de sua vida inteira a Deus. Se vivessem de maneira que Alá desejava e construíssem uma sociedade justa e decente, prosperariam e se harmonizariam com as leis divinas fundamentais

para a existência.” (ARMSTRONG, 2011, p.271)

O profeta Maomé não veio trazer uma religião nova. Veio confirmar o que existia. O Deus do Islã é o mesmo Deus dos Judeus e dos Cristãos. A revelação prosseguia. Da mesma forma que o velho testamento permanecia como livro sagrado, livro de referência para os cristãos.

O antijudaísmo, sabe-se, repousa sobre a ideia de que os judeus, depois do desejo de abafar o cristianismo, teimavam em não se converter, não se fundir como o novo Israel: a Igreja. Recusavam-se os judeus a reconhecer em Jesus o Messias. Agir-se-á no sentido de torná-los os únicos responsáveis pela morte de Jesus. Far-se-á deles deicidas (LE GOFF, 2008, p.188).

De fato, no Concílio de Nicèia em 325, presidido pelo Imperador Constantino, foi

oficialmente reconhecida a culpa dos judeus pela morte de Jesus.

O Corão é o registro do que Deus revelou a uma comunidade específica, os árabes de Meca (na atual Arábia Saudita). A palavra *qur'na* significa “narrativa”; registra o que foi revelado por um profeta chamado Maomé, no século VII. Os muçulmanos acreditam que Maomé foi apenas o último de uma longa lista de pessoas por cujo intermédio a vontade de Deus foi revelada à humanidade (SOON, 2011, p.25).

O primeiro grande profeta do Islã foi Abraão (Ibrahim). Sua história é conhecida por todos os monoteístas: era um velho pastor no Iraque, que, durante anos, ansiara por um filho. Deus escolheu favorecer Abraão com uma criança, mas depois lhe pediu que demonstrasse sua obediência matando seu filho amado. No último minuto, Deus poupa a criança, mas a aceitação de

Abraão em sacrificar o filho para não desobedecer a uma ordem de Deus selou um acordo entre Deus e a humanidade.

Deus promete recompensa eterna para aqueles que se submetem à Sua vontade; “aquele que se submete” à vontade de Deus é um *muslim*. Um dos desacordos entre muçulmanos e judeus refere-se à identidade do filho que Abraão pretendia sacrificar. Os muçulmanos acreditam que Abraão pretendia sacrificar o filho Ismael, em vez do filho Isaac, e que os muçulmanos são, pois, descendentes espirituais de Abraão através de Ismael e de sua mãe Agar (Hajar). No entanto, os muçulmanos reconhecem que o mais importante foi a disposição de Abraão em obedecer a Deus. Assim, demonstrando seu comprometimento com a vontade de Deus, ele estabeleceu um pacto

entre Deus e aqueles que O servem. Judeus e muçulmanos são descendentes de Abraão e herdeiros desse pacto (SOON, 2011, p.26).

Moisés foi o segundo grande mensageiro. A ele foi revelada a Torá.

Ao mencionar a Torá dezoito vezes, o Corão lembra aos fiéis que sua orientação continua a ser válida. Na verdade, o Corão se descreve como “confirmação da verdade da Torá que está diante de mim” (3:50) e conclama os fiéis a “trazer a Torá agora e recitá-la (3:93). Os homens de fé devem ser honestos, caridosos, cuidar dos necessitados, praticar o jejum, obedecer a regras alimentares e, acima de tudo, honrar a Deus e respeitar Sua criação, tal como ensina a Torá.” (SOON, 2011, p.26).

O terceiro grande mensageiro é Jesus. Os muçulmanos também se dedicam ao estudos dos evangelhos pois todas as suas mensagens estão congruentes com as mensagens de todos os profetas. Jesus é citado 92 vezes no Corão.

Essa abertura para o universal e esse retorno às fontes de todas as religiões em que cada uma era considerada como uma epopéia humana, da criação continuada do homem pelo Deus que o habita, faziam do Islã a maior força de integração espiritual (GARAUDY, 1988, p.125).

O Corão não está destinado apenas a um povo específico, não se apresenta como um livro ou um código de leis, mas como um guia para toda a humanidade. A cúpula dourada do Templo do Monte em Jerusalém constitui esse chamamento para o universal, o

Corão significando discernimento. O pacto de Deus com Abraão não significa que ele seja válido apenas para os descendentes de Abraão. O fator determinante na promessa de Deus não é a hereditariedade, mas os atos de cada indivíduo. “Não é o grupo ao qual se pertence que determina a salvação; o Corão diz que é demonstrar submissão (islã) à vontade de Deus, por meio de boas ações, que traz a recompensa (SOON, 2011, p.27).

Aquele que se submete à vontade de Deus está integralmente unido à espinha dorsal que define a ética islâmica: justiça. O Corão diz que acima de tudo Deus clamou por Justiça (7:29). “Ó crentes, estabeleci a justiça, sede testemunhas de Deus, mesmo se as evidências estiverem contra vós ou vossos pais e parentes, se sem se importar se a pessoa é pobre ou rica; sob qualquer circunstância, a palavra de Deus tem prioridade para vós” (4:135)”. “O Corão lida com múltiplos

aspectos da justiça em múltiplos contextos, estabelecendo normas e dando exemplos. Aos fiéis é dito, por exemplo, que sejam bondosos e justos todo o tempo, mas a maior ênfase é sobre os cuidados com os mais vulneráveis na sociedade: os órfãos, mencionados mais de vinte vezes”. Os muçulmanos procuram realizar o sonho de uma sociedade perfeita baseada na igualdade e na justiça. São valores fundamentais do islã a igualdade de todos os seres humanos perante o olhar de Deus, e a responsabilidade de todos os fiéis em contribuir para o bem-estar da sociedade.

“(…) A igualdade era vital na visão muçulmana, já que no sistema tribal não havia espaço para uma classe privilegiada. Não havia nada semelhante à aristocracia ou aos cargos hereditários. Um chefe não passava a chefia para o filho, pois a tribo precisava de seu melhor homem para o serviço, independentemente de parentesco ou privilégio. Esse profundo e forte

igualitarismo caracterizaria o espírito muçulmano e animaria suas instituições religiosas, políticas, e mesmo artísticas e literárias.” (ARMSTRONG, 2011, p.72).

As principais características da sociedade contemplada pelo Corão são a compaixão ou a bondade, a honestidade e a justiça. A caridade também é extremamente importante do ponto de vista alcorânico. É um meio de autopurificação. A ideia é que a riqueza é uma coisa boa, desde que seja usada para boas causas.

A mensagem inicial do Corão é bem simples: é errado acumular riquezas para construir uma fortuna pessoal, mas é bom dar esmolas aos pobres e distribuir as riquezas da sociedade (ARMSTRONG, 2011, p.108).

Mas talvez o aspecto mais importante seja observar que os muçulmanos valorizam a dignidade

humana e a justiça social como qualquer outra comunidade na face da terra. (SOON, 2011, p.20)

“Uma sociedade decente que refletisse o desejo de Deus devia cultivar um modo de vida estritamente igualitário (ARMSTRONG, 2011, p.109).

O Profeta Mohammad chamou sua religião de “Islam”, isto é, submissão à vontade de Deus. As características que a distinguem são duas: 1) um equilíbrio harmônico entre as coisas temporais e espirituais (o corpo e a alma), que permite se desfrutar por inteiro de todas as graças criadas por Deus, prescrevendo, ao mesmo tempo, a todos, deveres para com Deus, tais como o do culto, do jejum, da caridade, etc. O islam veio para ser a religião das massas e não apenas

de uns eleitos. 2) A universalidade do chamamento – para que todos os crentes se tornassem irmãos e iguais, sem qualquer distinção de classe, raça ou idioma. A única superioridade que ela admite é exclusivamente pessoal, baseada no maior temor a Deus e maior devoção (HAMIDULLAH, 1991, p..21).

Todos esses valores transmitidos ao povo árabe são os mesmos valores que julgamos importantes nas nossas sociedades ocidentais. A ideologia da igualdade, da solidariedade, da sociedade harmônica e sem preconceitos são os valores jurídicos proclamados na Constituição brasileira de 1988.

O Corão é a fonte fundamental de orientação para os muçulmanos. Vindo após revelações anteriores (a Torá e os Evangelhos), o Corão é considerado a revelação definitiva.

Foi registrado pouco depois da morte do profeta, em 632 D.C., ao contrário das Escrituras judaicas e cristãs, que só foram anotadas séculos após sua revelação (SOON, 2011, p.40).

De fato, encontramos um comentário contemporâneo à carreira de Maomé, único na história das religiões.

Em contraste, pouco sabemos sobre Jesus. O primeiro escritor cristão foi São Paulo e sua primeira epístola foi divulgada cerca de vinte anos após a morte de Jesus. Paulo, contudo, não tinha interesse na vida terrena de Cristo e se concentrou quase inteiramente no significado de sua morte e ressurreição. Mais tarde, nos evangelhos, os evangelistas se basearam na tradição oral; que se ateve, mais que Paulo, à vida de Jesus na Palestina e memorizou as

suas palavras. Marcos, o primeiro evangelista, escreveu cerca de quarenta anos após a morte de Jesus, nos anos 70; Mateus e Lucas escreveram na década de 80 e João por volta do ano 100 d.C. Mas os relatos dos Evangelhos diferem substancialmente das primeiras biografias de Maomé feitas pelos historiadores árabes. Eles se preocupam mais com o significado da vida de Jesus que com os fatos históricos e frequentemente expressam ante as necessidades, preocupações e crenças das igrejas primitivas que os eventos originais. Os estudiosos do Novo Testamento, por exemplo, assinalam que os relatos da paixão e morte de Jesus contidos nos Evangelhos são irremediavelmente confusos; fatos foram mudados. Os cristãos desse período estavam ansiosos por se dissociar dos judeus e então

culparam a eles, e não aos romanos, pela morte de Jesus. Muito poucas das verdadeiras palavras de Cristo foram registradas. Isso contudo, não significa que os Evangelhos não sejam verdadeiros. Eles expressam uma importante verdade religiosa. Jesus prometeu enviar a seus discípulos seu Espírito, então as inspirações mais profundas em certo sentido viriam dele (ARMSTRONG, 2011, p.62).

Todos sabemos a importância do exemplo. A vida do Profeta foi também importante para formar a tradição e os ensinamos no Islã.

Mas o papel de Maomé vai além da tarefa de divulgar a revelação; sua vida é também um modelo para a humanidade viver todos os momentos, e fazer todas as escolhas, de acordo com a vontade de Deus. O modo como ele viveu sua vida é

descrito pelo Corão como o melhor exemplo do islã: “Verdadeiramente, no mensageiro de Deus está um bom exemplo para aqueles que olham para Deus e para o Dia do Juízo e se lembram de Deus com frequência” (33:22). Juntos, o Corão e o exemplo (chamado a Suna), estabelecido pelo profeta Maomé englobam a orientação de que os muçulmanos necessitam em sua responsabilidade coletiva de estabelecer a justiça (SOON, 2011, p.40)

Ao contrário de Jesus que viveu dentro de uma sociedade politicamente organizada, o Império Romano, Maomé nasceu numa sociedade tribal. Assim, além de mensageiro divino foi também um Chefe de Estado.

Maomé viveu numa sociedade violenta e perigosa e às vezes adotou métodos que nós, que temos a sorte

de viver num mundo mais seguro, acharemos perturbadores. Mas, se deixarmos de lado nossas expectativas cristãs de santidade, encontraremos um ser humano apaixonado e complexo. Maomé tinha grandes dons espirituais e políticos – que nem sempre andam juntos – e estava convencido de que todas as pessoas religiosas têm a responsabilidade de criar uma sociedade justa e boa. Ele podia ficar furioso e ser implacável, mas também sabia ser terno, compassivo, vulnerável e imensamente gentil. Nunca lemos sobre Jesus rindo, mas com frequência encontramos Maomé sorrindo e brincando com as pessoas que lhe eram próximas. Nós o veremos brincando com crianças, tendo problemas conjugais, chorando copiosamente quando da morte de um amigo e exibindo seu novo bebê feito um pai

coruja. Se pudéssemos ver Maomé como vemos qualquer outra figura histórica importante, certamente o considerariamos um dos maiores gênios da história da humanidade. Criar uma obra-prima literária, fundar uma das maiores religiões do mundo e uma nova potência mundial não são realizações comuns (ARMSTRONG, 2011, p.63).

A reconquista do poder na península ibérica pelos reis católicos, e antes disso, o IV Concílio de Latrão realizado em Roma em 1215, o pontificado de Inocêncio III, e sobretudo a criação do Tribunal do Santo Ofício em 1231, teve como um dos seus principais objetivos a perseguição organizada e sistemática contra os hereges, neles incluídos os muçulmanos.

Os muçulmanos foram vistos como infiéis e Maomé considerado um falso profeta. Curioso é que Maomé não pretendia impor sua fé aos judeus e cristãos, pois eles também haviam recebido revelações válidas. Uma das principais

características do povo islâmico nas terras da península ibérica foi sua tolerância com a fé e os ritos litúrgicos de judeus e cristãos. “Várias vezes o Alcorão afirma que a revelação feita a Maomé não anula os ensinamentos dos profetas que o precederam: Adão, Noé, Abraão, Isaac, Ismael, Jó, Moisés, Davi, Salomão e Jesus. Ela apenas ratifica e relembra a única mensagem que Deus enviou a todos os povos (ARMSTRONG, 2011, p.274).

Para o islã nunca foi problema coexistir com povos praticantes de outras religiões. O império islâmico serviu de morada a judeus e cristãos durante séculos; mas a Europa ocidental achou praticamente impossível tolerar a presença de judeus e muçulmanos em território cristão(ARMSTRONG, 2011, p.102).

Na referências às conquistas islâmicas, sobretudo, a tomada de Jerusalém, podemos perceber a ética islâmica e o seu senso de justiça.

Já no primeiro século de sua existência, o islã marchou para a terra santa, Jerusalém. Em Jerusalém situa-se o Monte Moriah, sobre o qual foi construído o Templo da Rocha. É nesse local que Abraão tentara sacrificar o seu filho Isaac, sendo impedido pelo Arcanjo Gabriel. Jerusalém é a terceira cidade mais sagrada para o Islã. De fato, lá, Maomé teria tido uma das mais extraordinárias experiências místicas. Trata-se da jornada noturna do profeta que saiu de Meca e foi à Jerusalém pousando com seu cavalo Burac no Monte Moriah, subindo aos céus, sendo recebido por Moisés e Jesus, dialogado com eles, e depois subido ao sétimo céu aonde avistou o trono divino.

A conquista de Jerusalém foi relativamente tranqüila, pois os exércitos persa e bizantino estavam exaustos depois de tantos anos de lutas entre si. Já em julho de 637 o exército do Islã estava acampado junto às muralhas de Jerusalém trazendo consigo uma fé vigorosa. Houve uma tentativa de resistência por parte do patriarca Sifrônio e sua guarnição bizantina, mas em fevereiro de 638 os cristãos renderam-se.

O Califa Omar que encontrava-se na Síria dirigiu-se para Jerusalém tendo sido recebido ainda na estrada pelo patriarca Sifrônio. O Califa era um homem simples, levava a mesma vida humilde do profeta, usava sempre a mesma túnica de lã velha e remendada, carregava a sua própria bagagem.

Reza ainda a tradição que Sifrônio foi recebê-lo na estrada e o escoltou até a cidade. Montado num camelo branco, usando seus farrapos habituais, que não tirou nem para a cerimônia, o califa devia destoar dos bizantinos ricamente vestidos que o acompanhavam. Alguns observadores cristãos tacharam-no de hipócrita: provavelmente perceberam que o líder muçulmano abraçava o ideal cristão de pobreza santa com maior convicção que seus próprios correligionários. Omar também foi mais fiel ao ideal monoteísta da compaixão que

qualquer outro conquistador de Jerusalém — à exceção, talvez, do rei Davi. Presidiu a conquista mais pacífica e menos sangrenta que a cidade sofreu em sua longa e trágica história. Depois que os cristãos se renderam, não houve matança, destruição de propriedades, queima de símbolos religiosos, expulsão, expropriação ou tentativa de impor o islamismo. Se o respeito pelos vencidos indica a integridade de uma potência monoteísta, o Islã começou muito bem sua longa ocupação de Jerusalém (ARMSTRONG, 2011, p.284).

Nenhum habitante cristão foi obrigado a abraçar o Alcorão. A convivência entre as pessoas de diversas crenças era harmoniosa, e todos tratados com decência e legalidade, diferentemente do que acontecia sob a égide da lei bizantina, que era progressivamente hostil a minorias, sobretudo os judeus.

Não surpreende, pois, que os cristãos nestorianos e monofisistas recebessem os muçulmanos de braços abertos e preferissem o Islã a Bizâncio. ‘Eles não questionam profissão de fé, nem perseguem quem quer que seja por causa da crença, como fizeram os gregos, um povo herege e perverso’ escreveu Miguel, o Sírio, historiador do século XII (ARMSTRONG, 2011, p.288).

O conquistador Omar respeitou os lugares santos para os cristãos, permitindo-lhes construir e restaurar livremente seus santuários, impedindo aos muçulmanos de entrar nos santuários do monte das Oliveiras e do vale do Cedron, principalmente na Igreja da Ascensão e na tumba da Virgem. Os cristãos podiam livremente realizar procissões e cultos.

Os judeus também foram respeitados. Omar não seguiu o apelo de Sofrônio para que os

judeus fossem proibidos de residir em Jerusalém. Fazia tempo que os judeus haviam sido banidos de Jerusalém e seus arredores. Omar convidou setenta famílias judias de Tiberíades a se instalarem no bairro localizado a sudoeste do Haram, a breve distância da piscina de Siloé. A conquista islâmica infundira novas esperanças aos judeus.

Os imperadores bizantinos haviam proscrito sua religião, e Heráclio chegara a ponto de ordenar seu batismo. Agora eles prestavam aos árabes o mesmo apoio que deram aos persas, até porque essa forma de monoteísmo estava mais próxima de sua crença que o cristianismo. Alguns acreditavam, talvez, que o islamismo era apenas um estágio na conversão de seus adeptos à verdadeira fé. Os maometanos não só os libertaram da opressão bizantina, como lhes concederam o direito de residir permanentemente

em sua Cidade Santa (ARMSTRONG, 2011, p.290).

Talvez fosse realmente o momento de relembrar essa tolerância dos árabes com os judeus. À época poetas judeus recitaram poemas agradecendo à Deus a misericórdia para com o seu povo quando permitiu que o “Reino de Ismael” conquistasse a Palestina. Não seria o caso de retribuir essa generosidade no momento atual?

Vivemos uma época de grande intolerância, rejeições e discriminações. Estamos entopecidos pelo desejo de posses e riquezas. Não seria, pois, oportuno, procurarmos dialogar com essa civilização cujas leis foram ditadas diretamente por Deus?

–“O que o preocupa? – perguntou Saifudin, enquanto avançavam por uma trilha recente.

- Estou pensando onde viver, assim que conseguir sair deste país. Em Portugal não é mais possível. Na Espanha, nem pensar. Em Florença,

Veneza ou Roma, também não há clima. Se nem a proteção do grão-duque conseguiu afastar a Inquisição de Galileu, imagine as minhas chances. Frankfurt está fora de cogitação. Faz pouco tempo, parentes meus foram vítimas de perseguição e saque. Na Inglaterra e na França também não.

– Bem Suleiman! – falou com firmeza Saifudin. – Só há um lugar onde seu povo pode viver com tranquilidade, sem medo de perseguição. Na terra dos crentes em Alláh... Não se esqueça de que, durante os oito séculos de governo nosso na Espanha, jamais algum *yehudi* sofreu qualquer tipo de perseguição” (BOURDOUKAN, 1997, p. 88)

Em Damasco, na Síria, existe magnífica mesquita, que levou dezenas de anos para sua construção sendo considerada um carro-chefe da

arquitetura islâmica. Segundo os muçulmanos é por um dos seus minarestes que Jesus descerá para o julgamento final.

O Alcorão reverencia Jesus como um dos maiores profetas, porém não acredita em sua crucificação.<sup>1</sup> Ao contrário de Cristo, Maomé conheceu estrondoso sucesso em sua vida, e para o islamismo era inconcebível que Deus deixasse um profeta morrer em tamanha desgraça (ARMSTRONG, 2011, p.284).

---

<sup>1</sup> Muitos ocidentais ficam verdadeiramente surpresos ao ouvir que os muçulmanos adoram o mesmo Deus que os judeus e os cristãos: eles imaginam que Alá seja uma divindade completamente diferente, como o Júpiter do panteão romano. Outros pensam que os maometanos veneram seu Profeta do mesmo modo que os cristãos a Cristo.“(...) é sabido que os sarracenos adoram o Deus único e aceitam a lei do Antigo Testamento e o rito da circuncisão. Também não atacam a Cristo ou aos apóstolos. Há apenas um ponto que os afasta da salvação... eles negam que Jesus Cristo seja Deus ou o filho de Deus e veneram o sedutor Maomé como o grande profeta do Deus supremo.

Segundo o livro sagrado dos muçulmanos aqueles que acreditam que Jesus é divino, filho de Deus e parte de uma trindade divina estão enganados: “Ó povos do livro, não exagerai em vossa religião nem dizei coisa alguma de Deus senão a verdade. O Messias, Jesus, filho de Maria, foi somente um mensageiro de Deus, e sua palavra Ele enviou a Maria, assim como Seu espírito. Crede pois em Deus e em Seu mensageiro e não dizei “Três”... Deus é um só (4:171)”

Apesar disso, assim como as mensagens de outros profetas, a mensagem de Jesus é verdadeira, de acordo com o Corão, e os judeus erraram ao rejeitá-la.

Importante um comentário sobre o Paráclito. Para os cristãos o Paráclito seria o Espírito Santo, o terceiro elemento que comporia o mistério da Santíssima Trindade. Mas, no Islã, o Paráclito é o Maomé. Jesus anuncia a vinda do Profeta.

“(...) Mas, antes de chegar àquelas frases terríveis – “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” – , o Cristo tinha consolado os discípulos introduzindo na vida divina o seu

terceiro elemento. É a Quinta-Feira Santa, véspera da Paixão, Jesus está reunido com os amigos para a sua última ceia – a ceia da Páscoa. O ambiente é de tristeza, porque Jesus acabou de comunicar-lhes que está voltando para o Pai. “Porque vos falei assim, a tristeza encheu o vosso coração. Entretanto, eu vos digo: convém a vós que eu vá! Porque se eu não for, o Paráclito não virá a vós (Jesus usa uma palavra que significa “advogado”, “consolador”); mas se eu for, eu vo-lo enviarei. E quando ele vier, convencerá o mundo a respeito do pecado, da justiça e do juízo.” E logo adiante: “Quando vier o Paráclito, o Espírito da verdade, ensinar-vos-á toda a verdade.” E num outro trecho de São João: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará um outro Paráclito, para que fique eternamente convosco... Ele vos ensinará todas as coisas, e vos recordará tudo o que tenho dito.” (HORTA, 2011, p. 239-240).

Um estudo sério do islã mostra que por 1400 anos os ideais do Corão contribuíram em grande escala para

o bem-estar espiritual dos muçulmanos. Alguns estudiosos, como o destacado intelectual canadense Wilfred Cantwell Smith, chegam mesmo a dizer que “o segmento muçulmano da sociedade humana só pode prosperar se o islã tiver força e vitalidade, se for puro e criativo e sadio (ARMSTRONG, 2011, p.284).

Parte do problema ocidental é ter visto Maomé durante séculos como a antítese do espírito religioso e o inimigo da civilização decente. Talvez devêssemos, contudo, tentar vê-lo como um homem de fé que conseguiu trazer paz e civilização a seu povo (ARMSTRONG, 2011, p.54).

Seja para conhecer o islã, seja para conhecer o direito islâmico, mister se faz o conhecimento aprofundado da Shariah, a lei penal muçulmana. Não basta um conhecimento superficial ou a leitura de uns poucos artigos, sob pena de distorção do verdadeiro sentido e alcance do texto sagrado. A vida de cada muçulmano é

regulada pela lei islâmica em todos os seus aspectos, abrangendo deveres religiosos, prescrições sobre a oração e o ritual, bem como ordenações políticas e normas legais. A lei islâmica decorre de ideias éticas e religiosas. O Legislador é Allah.

Os mesmos propósito que destacamos na análise do Islã podem ser encontrados nas cláusulas do Preâmbulo da Constituição brasileira de 1988 que iluminam o conteúdo do seu texto. A positivação dos valores jurídicos no preâmbulo demonstra uma direção comum aos valores islâmicos, uma aproximação substancial de crenças, interesses e aspirações. Uma sociedade sem preconceitos, uma sociedade fundada na harmonia, na igualdade, na solidariedade, aspirando progresso e desenvolvimento e sob a proteção de Deus.

Torna-se imperativo no mundo atual o diálogo, a aproximação autêntica dos povos, independentemente de suas crenças religiosas. É preciso, sobretudo, superar o fosso da ignorância, cavado pelos ódios e rancores do passado, e que nos impede de ver no outro o nosso irmão, o nosso

companheiro de jornada, e caminhar com ele pelas estradas desta vida, de bom rosto e em cordial solidariedade.

Nesse sentido é que invocamos a bela mensagem do místico indiano Krishnamurti:

“Se desejamos realmente implantar, juntos, a paz e a boa-vontade, precisamos de amor \_ não o amor ideal, mas o simples amor, a bondade, a compaixão \_ e isso torna necessário nos libertarmos de uma certa comunidade e lançarmos fora todos os nossos preconceitos nacionais, raciais e religiosos. Nós somos entes humanos, vivendo juntos sobre esta Terra, esta Terra que nos pertence.”

## REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. Maomé. Uma biografia do profeta. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

ARMSTRONG, Karen. Jerusalém. Uma cidade e três religiões. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BOURDOUKAN, Georges. A incrível e fascinante história do capitão mouro. São Paulo: Clacyko, 1997

LE GOFF, Jacques. Em busca da idade média. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MORIN, Edgar. A cabeça bem feita.

GARAUDY, Roger. Promessas do islã. O islã e suas contribuições presentes, passadas e futuras à nossa civilização. Trad. Edson Darci Heldt. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

GONÇALVES, Aroldo Plínio. Técnica processual e teoria do processo. Rio de Janeiro: Aide, 1993.

HAMIDULLAH, Mohammad. Introdução ao Islam. São Bernardo do Campo: C.D.I.A.L., 1991.

HORTA, Luiz Paulo. A Bíblia. Um diário de leitura. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MORIN, Edgar. A cabeça bem feita. Repensar a reforma . Reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

TOURAINÉ, Alain. Crítica da modernidade. 4ed. Petrópolis: Vozes, 1997

SOON, Tamara. Uma breve história do islã. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.